

Sobre a capa

**RECORDE**  
Revista de História do Esporte



Descrição da foto:

Caricatura de Amílcar Cabral, um dos mais importantes líderes das lutas anticoloniais africanas, realizada por seu colega de turma José Carlos Sousa Veloso, publicada no livro de final de curso (1945-1946) do Instituto Superior de Agronomia/Portugal. Amílcar é retratado de uniforme, meióes e chuteiras; nas mãos livros de Engels, Lênin e Dostoievski; seu amor por Cabo Verde é explicitado por suas lágrimas caindo sobre a representação do arquipélago em um globo.

Fonte:

Acervo da Fundação Mário Soares/Lisboa.

Disponível em <http://www.fmsoares.pt/aeb/Dossier01/documentos/expo02/1.htm>.

Filho de cabo-verdianos, nascido na Guiné (em 1924), com oito anos Amílcar Cabral chegou a Cabo Verde (com sua família que retornava à terra natal), onde frequentou escolas de São Vicente e Praia e se engajou em diversas associações juvenis, nas quais começou a tomar consciência da situação das colônias.

Bom jogador de futebol e apaixonado pelo esporte em geral (como seu irmão Luis Cabral, futuro dirigente máximo da Guiné independente, na juventude atleta de voleibol), Amílcar foi um dos fundadores e presidente da Associação Desportiva do Liceu de Cabo Verde (1941, São Vicente), uma das mais importantes escolas do país, logo sendo reconhecido como líder e dinamizador de atividades. Em 1944 e 1945, foi ainda secretário do Boavista Futebol Clube (sediado em Praia).

Em 1945 se deslocou para Lisboa, para estudar como bolsista no Instituto Superior de Agronomia. Por lá esteve envolvido, como dirigente e militante, com as atividades da Casa dos Estudantes do Império, da Casa de África e do Centro de Estudos Africanos, instituições nas quais se formou uma parte importante das lideranças das lutas anticoloniais. Presença constante nos eventos esportivos, Amílcar uma vez mais se tornou um dos destaques da equipe de futebol, tendo sido até mesmo convidado a jogar no Benfica.

Desde que regressara à Guiné, em 1952, Amílcar se mobilizara para criar um clube esportivo exclusivo para os naturais da colônia, já vislumbrando que essa agremiação deveria investir na elevação do nível cultural dos associados. Tratava-se de uma antiga ideia, ligada a suas experiências e longo envolvimento anterior com a prática esportiva.

A ideia se concretizou em 1954. Amílcar Cabral, um dos líderes das lutas pela independência de Guiné Bissau e de Cabo Verde, um dos mais importantes intelectuais

africanos do pós-Segunda Grande Guerra, assim saudara a fundação do Clube Desportivo e Recreativo de Bissau:

Prezados amigos (...) nos reunimos aqui para a inauguração de nosso clube desportivo. Este é o primeiro clube da cidade e não é um clube muito vulgar. Vamos formar, sem dúvida, algumas equipas de futebol. Talvez até tenhamos seções de natação e voleibol. Depois darei os pormenores. Vamos jogar futebol de acordo com as regras. Para isso vamos ter algumas aulas teóricas. Uma aula teórica é o mesmo que uma aula na escola, só que nas nossas aulas vou explicar-lhes as regras que existem no mundo inteiro para um jogo de futebol. Nos intervalos entre os jogos, quero contar-lhes diversas coisas interessantes sobre o nosso país e nosso povo (apud Ignátiev, 1984, p.90).

Tratava-se de uma estratégia para gerar um espaço possível para a realização de encontros e atividades políticas, em um momento em que estava proibido o direito de reunião. Tinha também o intuito de garantir o que compreendia ser um direito básico de todos, não só dos que eram originários de Portugal. Como lembra Ignátiev (1984): “Evidentemente muitos tinham ouvido falar na existência de escolas e clubes desportivos para crianças na capital da Metrópole, Lisboa, mas isso era em Lisboa. Com um clube desportivo em Bissau só se podia sonhar” (p.89). Amílcar ainda enxergava essa iniciativa como uma ferramenta para despertar a consciência da população para sua condição colonial, a conclamando a participar em processos de resistência ativa.

Não surpreende, portanto, que a Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE) desconfiara da iniciativa, logo a proibindo:

o Eng.º Amílcar Cabral e a sua mulher comportaram-se de maneira a levantar suspeitas de actividades contra a nossa presença nos territórios de África com exaltação de prioridade de direitos dos nativos e, como método de difundir as suas idéias por meios legalizados, o Eng.º pretendeu e chegou a requerer juntamente com outros nativos, a fundação de uma agremiação desportiva e recreativa de Bissau, não tendo o Governo autorizado (apud Amado, 2006).

A PIDE identificará claramente que os envolvidos com a criação do clube faziam parte de movimentos contrários à condição colonial:

eram anti-situacionistas o João Vaz, ajudante de mecânico, de 33 anos, natural de S. Tomé, Carlos António da Silva Semedo Júnior, de 21 anos, estudante, a estudar em Lisboa; Pedro Mendes Pereira, enfermeiro de 1ª classe de 52 anos, Inácio Carvalho Alvarenga, 42 anos; Julião Júlio Correia, de 50 anos de idade, Martinho Gomes Ramos de 35 anos, Victor Fernandes, de 30 anos, Bernardo Máximo Vieira, de 33 anos, tendo esses mesmos indivíduos assinado a petição referida no sentido da criação de um clube denominado clube desportivo e recreativo de Bissau, destinado ao desenvolvimento de actividades nativistas, superiormente orientadas pelo engenheiro Amílcar Cabral (apud Amado, 2006).

De fato, muitos dos futuros líderes das lutas anticoloniais na Guiné estiveram envolvidos com o Desportivo e Recreativo de Bissau. Bobo Keita, Carlos Correa, Constantino Teixeira e Nino Vieira, entre outros importantes militantes, foram jogadores de futebol, tanto companheiros em jogos organizados por Cabral quanto atletas de outros clubes locais, o União Desportiva Internacional de Bissau, o Benfica de Bissau, o Sporting de Bissau.

A experiência do Clube Desportivo e Recreativo de Bissau foi certamente uma das mais relevantes ações que antecederam e contribuíram para a criação do Partido Africano para Independência (PAI), depois renomeado para Partido Africano para Independência da Guiné e de Cabo Verde (PAIGC).

### **Saiba mais**

AMADO, Leopoldo. *Simbólica de Pindjiguiti na óptica libertária da Guiné-Bissau (Parte I)*. 2006. Disponível em: <<http://guinela.blogs.sapo.pt/3140.html>>. Acesso: 14 de dezembro de 2006.

IGNÁTIEV, O. *Amílcar Cabral*. Moscou: Editora Progresso, 1984.